

Informe Mineral

Desenvolvimento & Economia Mineral

2ª Edição - Novembro/2004

ISSN 1807-0388



Sumário

Apresentação

Editorial

I. Ambiente Econômico

II. Desempenho da Produção Mineral Brasileira

III. Balança Comercial

IV. Destaque

V. Índice de Preços



MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA
Secretaria de Minas e Metalurgia

DILMA VANA ROUSSEFF
Ministra de Estado

MAURÍCIO TIOMNO TOLMASQUIM
Secretário Executivo

GILES CARRICONDE AZEVEDO
Secretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral

DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL

MIGUEL ANTONIO CEDRAZ NERY
Diretor-Geral

JOÃO CÉSAR DE FREITAS PINHEIRO
Diretor-Geral Adjunto

ANTONIO FERNANDO DA SILVA RODRIGUES
Diretor de Desenvolvimento e Economia Mineral

Capa: Sedes do DNPM *Patrimônios Culturais da Humanidade*.

1) *Palácio da Urca*, Av. Pasteur, nº 404 – Rio de Janeiro - RJ (1908).

2) *Prédio DNPM, Plano Piloto*, SAN, Qd. 1, Bl B, 70.400-210 – Brasília - DF (1973).



INFORME MINERAL

2004

ISSN 1807-0388

Publicação

Departamento Nacional de Produção Mineral **DNPM**

Setor de Autarquias Norte – Quadra 1 Bloco B

70041-903 – Brasília, DF – Brasil

Internet: <http://www.dnpm.gov.br>

Elaboração e Edição

Diretoria de Desenvolvimento e Economia Mineral

DIDEM

E-mail: didem@dnpm.gov.br

Antonio Fernando da Silva Rodrigues, Geól., MSc.

Diretor

Grupo de Economia Mineral

Econ. Carlos Augusto Ramos Neves

Líder de Grupo

Geól. Antônio Eleutério de Souza

Econ. e Geól. Mariano Laio de Oliveira

Geól^a. Vera Lúcia Aquino Barbosa

Colaboradores

Isabel Vinagre da Silva

Alcebíades Lopes do Sacramento

Alencar Moreira Barreto (Arte/Capa)



Sumário

Apresentação	IV
Editorial	5
I. Ambiente Econômico	6
II. Desempenho da Produção Mineral Brasileira	8
III. Balança Comercial Brasileira	10
IV. Destaque – “ <i>Brasil: A Economia Mineral Brilha!</i> ”	19
V. Índices de Preços	22

Apresentação

A **Diretoria de Desenvolvimento e Economia Mineral - DIDEM** tem a satisfação de dispor aos agentes do Setor Mineral Brasileiro e aos cidadãos-usuários dos indicadores e de estudos de Economia Mineral, a 2ª Edição do **INFORME MINERAL – Desenvolvimento & Economia Mineral- 2004**.

A 2ª Edição do **INFORME MINERAL – Desenvolvimento & Economia Mineral - 2004**, atém-se à consolidação de indicadores e à análise do desempenho da Economia Mineral do País, no 1º Semestre de 2004, comparando-o aos períodos equivalentes de 2003.

Com efeito, na perspectiva da democratização do acesso às informações sobre a Economia Mineral do País, o Departamento Nacional de Produção Mineral disponibiliza mais um produto da DIDEM para livre acesso e *download* do público interessado, no Sítio do DNPM: <http://www.dnpm.gov.br>

Antonio Fernando da Silva Rodrigues
Diretor - DIDEM

Editorial

DIPEM: Instrumento de Planejamento do Setor Mineral Brasileiro

Miguel Antonio Cedraz Nery
Diretor-Geral do DNPM

É comum, no Setor Mineral, exercitar comparações entre Nações que apresentem potencial mineral equivalentes e volumes de investimentos díspares — África do Sul, Austrália, Canadá, China, Rússia e Brasil — procurando-se respostas para as questões, fatos e eventuais paradoxos identificados.

Sob essa perspectiva, a disponibilidade e a credibilidade de indicadores de investimentos setoriais tornam-se elementos imprescindíveis ao planejamento de Governo e para auxiliar a tomada de decisão empresarial, verdadeiros barômetros de desempenho e de perspectiva da Economia Mineral de qualquer País.

No Brasil, a construção de séries históricas de investimentos em pesquisa mineral — atividade precursora de futuras minas que gerem emprego e riqueza para o País — tem-se apresentado como grande desafio para o DNPM, tanto no que se refere ao levantamento e a consolidação, quanto à desejável confiabilidade desses indicadores.

Como resultado do Projeto de Modernização em Tecnologia da Informação e da Gestão do DNPM — inserido na concepção do PPA 2004-2007, cujos recursos assegurados da ordem de R\$ 61 milhões — instituiu-se a **Declaração de Investimentos em Pesquisa Mineral - DIPEM**, pela Portaria DNPM nº 259, de 16.07.2004, configurando-se como um importante instrumento de coleta, consolidação em sistema de banco de dados e refino dos indicadores de investimentos nesta fase preliminar das atividades do Setor Mineral.

Portanto, a institucionalização da **DIPEM** apresenta-se como uma verdadeira ferramenta indutora de mudança cultural, o que implica em superar resistências das mais diferentes naturezas. No entanto, as respostas e resultados alcançados com a primeira **DIPEM**, cujo prazo expirou em 30.08.2004, superou as expectativas, porquanto a maioria dos empresários que realmente desenvolveram pesquisa mineral atendeu prontamente às instruções da Portaria, detalhando as informações solicitadas sobre os investimentos realizados em infraestrutura, topografia, cartografia, prospecções (geofísica e geoquímica), geologia, mapeamento geológico, sondagens, análises químicas etc.

Com efeito, entendemos que absorvido o impacto da mudança cultural e superada as resistências naturais nem sempre justificáveis, é com grande satisfação que o DNPM anuncia o sucesso da implantação do **Sistema DIPEM**, que apontou inversões da ordem de R\$ 247 milhões. Equivalentes a US\$ 90 milhões em 2003. Assim, a DIPEM mostra-se como um instrumento fundamental ao refino e à confiabilidade dos indicadores de investimento em pesquisa mineral, condição *sine qua non* ao Planejamento do Setor Mineral Brasileiro.

Por fim, torna-se oportuno, nesta 2ª Edição do **Informe Mineral – 2004**, reconhecer a responsabilidade cidadã da maioria das empresas de mineração que se empenhou em apresentar tempestivamente a **DIPEM**, compartilhando assim do **Processo de Modernização do DNPM** que já apresenta resultados concretos, a quem somos muito agradecidos.

I. Ambiente Econômico

O 1º semestre de 2004 confirmou as expectativas de mudanças anunciadas pelo Governo Federal, particularmente no que se refere ao reaquecimento da Economia Mineral Brasileira. A melhora nesse cenário insere-se num contexto de expansão econômica mundial muito favorável às economias emergentes, associada à perseverança na boa gestão das políticas monetárias, cambial e fiscal do País.

Portanto, conforme o IBGE, o PIB - Produto Interno Bruto, a preços de mercado, expandiu-se 4,2%, somando R\$ 816,8 bilhões, expressão do reaquecimento da atividade econômica doméstica, refletida na utilização média da capacidade instalada do Parque Industrial Nacional, no primeiro semestre de 2004. Sob a ótica da demanda, evidenciam-se as expansões de 17,8% nas exportações e de 13% nas importações de bens e serviços, conformando-se um fluxo crescente das transações comerciais da ordem de 30,8%. Esse resultado não se deve, exclusivamente, às exportações como fonte do dinamismo da economia, mas à evidente reativação do mercado interno, refletindo positivamente na melhoria da oferta de emprego.

Importa enfatizar que, até julho, o superávit fiscal primário consolidado do setor público (União, Estados, Municípios e estatais) alcançou R\$ 52,8 bilhões, ultrapassando o piso acordado com o FMI. Esse valor equivale a 5,59% do Produto Interno Bruto, o que fortalece compromisso do governo federal com a austeridade fiscal. Entretanto, a ameaça de retomada do processo inflacionário que poderia comprometer a meta estabelecida para 2004 levou o Banco Central a interromper a sistemática de baixa progressiva da taxa básica de juros (SELIC) a partir de maio.

Como reflexo, observa-se no fim do semestre, que o IPCA acumulou aumento de 3,48% e em doze meses, 6,06%, assegurando-se assim, um patamar próximo da meta estabelecida de 5,5% para este ano, com tolerância de mais ou menos 2,5 pontos percentuais.

Essa mudança de cenários, segundo o BACEN, favoreceu a flutuação de câmbio em intervalos mais estreitos e com menor volatilidade. Neste contexto, conforme dados do MDIC, o saldo da balança comercial de *commodities* atingiu US\$ 15,0 bilhões no primeiro semestre, 44,2% superior ao registrado no mesmo período de 2003. As exportações totalizaram US\$ 43,3 bilhões, superior 31,2% ao registrado no mesmo período de 2003. As importações da ordem de US\$ 28,3 bilhões, fruto da recuperação econômica, cresceram 25%.

Conforme indicadores do IBGE, os setores agropecuários, serviços e indústria cresceram 5,7%, 2,8% e 4,7%, respectivamente. O resultado da indústria é reflexo dos avanços alcançados pelos subsetores de transformação (7,3%), da construção civil e de serviços industriais de utilidade pública, ambos, com crescimento de 2,0%. Já a indústria extrativa mineral apresentou queda de 2,9%, influenciada pela redução da produção de petróleo (1,6%).

Esses resultados da atividade econômica, das contas públicas e das contas externas no 1º semestre de 2004 sinalizam, favoravelmente, para uma reavaliação das expectativas sobre o comportamento da economia nacional e construção de novos cenários mais otimistas, conformando-se uma trajetória de índices crescentes do PIB para o patamar de 5,0% em 2004.

Taxas de Variação Acumulada do Produto Interno Bruto

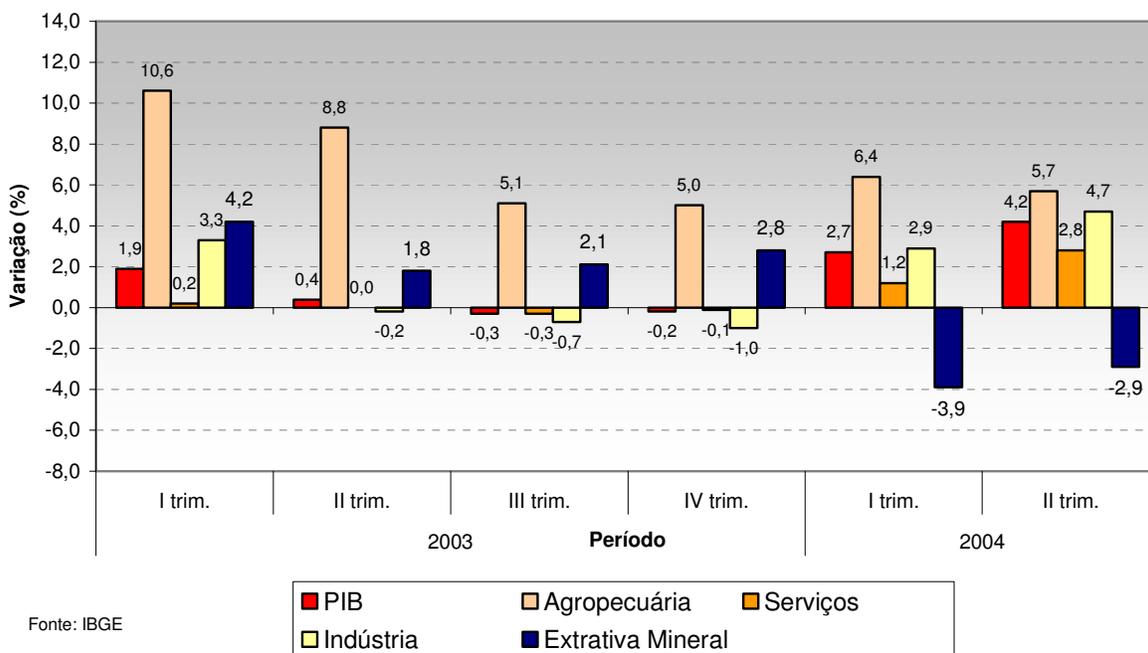
Discriminação	2003				2004	
	I trim.	II trim.	III trim.	IV trim.	I trim.	II trim.
PIB	1,9	0,4	-0,3	-0,2	2,7	4,2
Agropecuária	10,6	8,8	5,1	5,0	6,4	5,7
Serviços	0,2	0,0	-0,3	-0,1	1,2	2,8
Indústria	3,3	-0,2	-0,7	-1,0	2,9	4,7
Extrativa Mineral	4,2	1,8	2,1	2,8	-3,9	-2,9

Fonte: IBGE, ago. 2004.

Torna-se evidente, pois, que com a recuperação da atividade econômica, o poder de compra dos salários parou de deteriorar-se na esteira da estabilidade

de preços, assim como os indicadores do mercado de trabalho apontaram para uma leve recuperação.

Taxas de Variação Acumulada do Produto Interno Bruto



Fonte: IBGE

II. Desempenho da Produção Mineral Brasileira

O Setor Mineral Brasileiro, incluindo o segmento de energéticos fósseis e derivados, apresentou um crescimento de 3,2%, no primeiro semestre de 2004. Entretanto, excluindo-se petróleo, gás natural e seus derivados da análise, e limitando-se a análise aos 20 (vinte) principais bens minerais produzidos no País, registra-se o forte incremento de 12,2%, reflexo positivo da forte expansão da demanda global por minérios e metais, em particular da China.

Importa enfatizar que embora esses resultados positivos tenham contribuição de 14 substâncias minerais, a performance de crescimento continua sendo fortemente influenciada pela produção de minério de ferro. Por outro ângulo, compete destacar que a estabilização da produção de areia e brita, que tanto se contraiu no ano passado, reforça a percepção de que a retomada econômica vem atingindo setores direcionados ao mercado interno, mas notadamente a Construção Civil.

Neste período, a produção de minérios de ferro apresentou elevação de 21,1%, relativamente às do mesmo período do ano 2003. A expansão da demanda externa, em particular da China, continuou exercendo influência marcante no desempenho do setor. Não obstante, o dinamismo da produção de ferro refletir sobre os níveis da utilização da capacidade instalada do Parque Siderúrgico Nacional (da ordem de 33 bilhões de t/ano), atingindo a média de 80% no primeiro semestre de 2004, a maturação dos investimentos em fase de implantação, devem assegurar a continuidade do ritmo de crescimento na produção brasileira para os próximos anos.

A produção de 9.681 mil toneladas de bauxita também foi determinante para o bom desempenho da mineração nos seis primeiros meses de 2004, apresentando um crescimento de 20,9% em relação ao primeiro semestre do ano passado. As vendas externas continuaram exercendo, com influência marcante na cadeia do alumínio. Os volumes de vendas externas de bauxita e de produtos semimanufaturado e manufaturado expandiram-se 78,9%, 18,5% e 15,9%, respectivamente.

A produção de caulim registrou crescimento de 7,5%, com as vendas para o mercado externo apresentando uma significativa expansão de 26,7%. Portanto, mantém-se a tendência expansionista delineada nos últimos anos, implicando no crescimento da utilização da capacidade instalada, que já alcança 97,5%, portanto bastante elevada, quando comparada a 83,5% observada no primeiro semestre de 2003. Contudo, para amenizar potenciais limitações ao desempenho da cadeia produtiva, mudanças tecnológicas têm sido desenvolvidas, convertendo perdas em aumento de recuperação do produto final. Encontra-se em execução pela Imerys Rio Capim Caulim S.A. a implantação de um novo módulo para a produção de caulim beneficiado, cujo projeto adicionará 100 mil toneladas anuais à capacidade atual da empresa (850 mil t/ano).

A produção de rochas fosfáticas atingiu 3,3 milhões de toneladas no primeiro semestre deste ano, resultado 4,9% superior ao mesmo período de 2003. O aumento é puxado pelo desempenho positivo da agricultura, em particular de grãos (p.e.: soja). Para atender a essa forte demanda, as usinas de concentrado fosfático e de ácido fosfórico têm trabalhado próximo à capacidade plena.

Produção Mineral Brasileira

Bens Minerais Selecionados

SUBSTÂNCIA	QUANTIDADE (t)		Variação (%)
	Jan-Jun 2004	Jan-Jun 2003	
ALUMÍNIO (Bauxita)	9.680.770	8.005.320	20,9
AREIA (10 ³ t) (*)	56.870	56.850	0,0
BRITA (10 ³ t) (*)	38.200	38.180	0,1
CARVÃO	2.291.700	2.109.600	8,6
CAULIM	1.085.180	1.009.610	7,5
CHUMBO ⁽¹⁾	7.550	4.500	67,8
COBRE ⁽¹⁾	33.720	12.180	176,8
CRISOTILA (Fibras)	116.000	130.940	(11,4)
CROMO	248.170	193.955	28,0
ESTANHO ⁽¹⁾	5.830	6.280	(7,2)
FERRO (10 ³ t)	119.483.800	98.684.700	21,1
FLUORITA	36.710	32.220	13,9
GÁS NATURAL (10 ³ m ³)	8.308.670	7.647.319	8,6
GRAFITA	33.080	32.130	3,0
MAGNESITA	161.050	163.570	(1,5)
MANGANÊS Bruta/benef.	2.374.350/1.685.790	1.782.660/1.265.690	33,2
NIÓBIO (Pirocloro) ⁽²⁾ / Liga FeNb	34.856/19.691	31.387/17.746	11,1
NÍQUEL ⁽³⁾	15.450	15.530	(0,5)
OURO (kg)	23.650	24.830	(4,8)
PETRÓLEO (em m ³)	42.151.746	42.862.762	(1,7)
POTÁSSIO (K ₂ O contido)	194.740	200.790	(3,0)
ROCHA FOSFÁTICA	3.268.540	3.116.720	4,9
ZINCO ⁽¹⁾	17.100	14.420	18,6

Fonte: DNPM-DIDEM

Notas: (p) Preliminar; (*) Produção estimada com base nos dados do consumo nacional de cimento portland – Fonte SNIC.

(1) Metal contido no concentrado; (2) Concentrado de Nb; (3) Ni contido no carbonato, no matte e na liga Fe-Ni.

A produção brasileira de ouro ficou em 23,7 toneladas no 1º semestre de 2004, representando decréscimo de 4,8% frente a igual período do exercício anterior. A produção das empresas com um crescimento de 3,2%, alcançou 14,6 toneladas de ouro primário. As principais empresas responsáveis por essa expansão foram a Mineração Fazenda Brasileiro S/A — adquirida pelo grupo canadense *Yamana Gold Inc.* junto à CVRD, em agosto de 2003 — e a Mineração Anglogold Ltda., que apresentou expansão na produção da Mina Cuiabá. Por outro lado, a produção de garimpos, estimada com base na arrecadação do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), ficou em 9,1 toneladas, apresentando redução de 15,2%.

Importa destacar que as significativas inversões no segmento aurífero nacional devem favorecer o

incremento na produção nacional de ouro no próximo triênio. Neste contexto, a *Yamana Gold Inc.* prevê investimentos da ordem de US\$ 16 milhões a serem aplicados em 4 projetos (Fazenda Brasileiro na Bahia, São Francisco/São Vicente em Mato Grosso, Fazenda Nova e Chapada, ambos em Goiás); a *Anglogold Brasil*, por sua vez, anuncia investir US\$ 140 milhões até 2005, visando ampliações na capacidade de produção da mina de Cuiabá.

A produção acumulada de cobre de 33,7 toneladas no 1º semestre de 2004, representou um expressivo acréscimo de 176,8%, frente a igual período do exercício anterior. Esse salto foi reflexo do início da produção de concentrado de cobre da mina Sossego, localizada na Província Mineral de Carajás, cujos primeiros embarques ocorreram em junho pela Companhia Vale do Rio Doce.

III. Comércio Exterior do Setor Mineral

Impulsionada pela conjuntura favorável no cenário internacional, associado ao vigoroso crescimento econômico da China, a balança comercial do Setor Mineral Brasileiro registrou nos seis primeiros meses deste ano, superávit de US\$ 2,122 bilhões, resultado 4,0% menor ao do primeiro semestre de 2003. A propósito, não obstante a reativação do mercado interno implicar na natural aceleração das importações, em particular de bens de capitais, não houve comprometimento do superávit neste período.

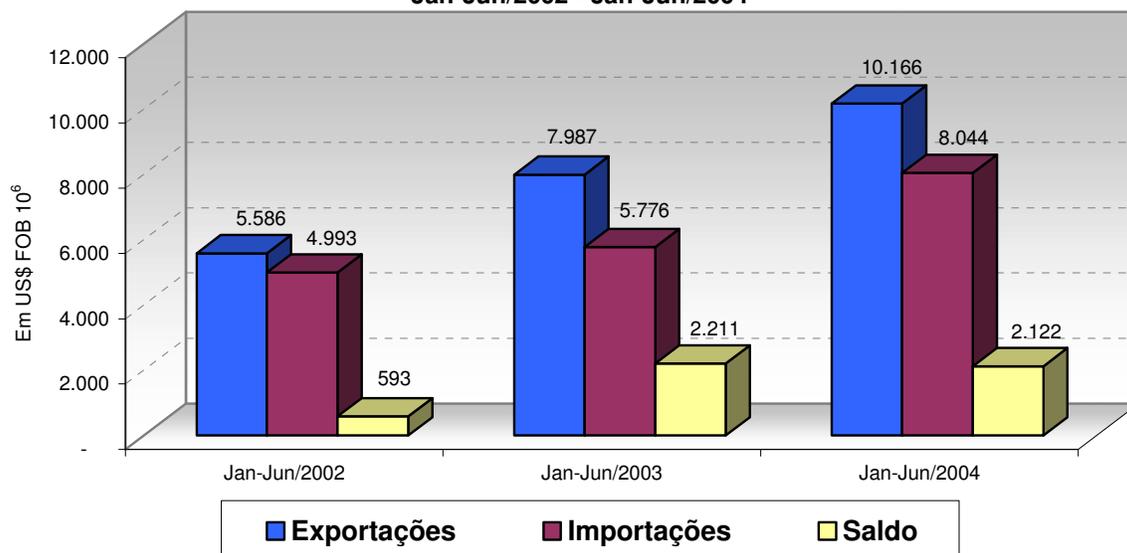
Deve-se destacar, que numa perspectiva analítica econômica setorial seletiva — ao retirar-se do cálculo os minerais energéticos fósseis (Petróleo e GNP) e seus derivados — o saldo da

balança comercial do Setor Mineral mais que duplica, passando de US\$ 2,122 bilhões, para US\$ 4,594 bilhões.

O fluxo de transações comerciais manteve-se crescente (exportações + importações) no período, onde as vendas externas somaram US\$ 8,042 bilhões (29,9% maior ao do mesmo período de 2003) e as importações ficaram em US\$ 3,448 bilhões (39,7% de aumento), totalizando US\$ 11,490 bilhões, 32,7% superior ao igual período de 2003.

Comércio Exterior do Setor Mineral

Jan-Jun/2002 - Jan-Jun/2004



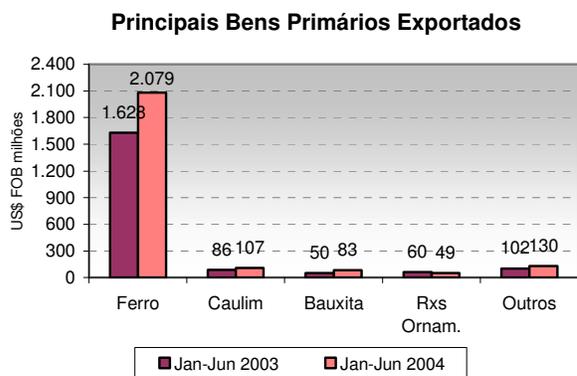
Fonte: MDIC/SECEX;

Balança Comercial do Setor Mineral exclusive Petróleo, Gás Natural e Derivados

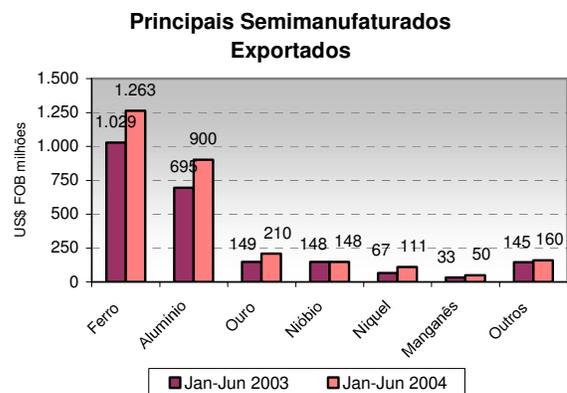
US\$-FOB milhões			
Período	Exportação	Importação	Saldo
Jan/Jun – 2004	8.042	3.448	4.594
Jan/Jun – 2003	6.188	2.468	3.719
Var. (%)	29,9	39,7	23,5

Fontes: MDIC/SECEX; DNPM/DIDEM.

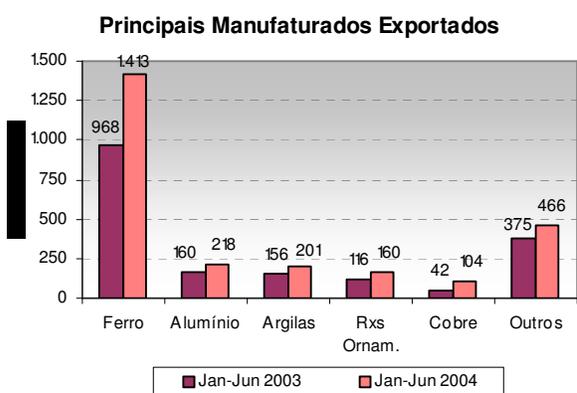
Nesse contexto, de janeiro a junho deste ano, os quatro segmentos exportados registraram valores superiores aos registrados no mesmo período de 2003. As vendas externas dos bens minerais primários totalizaram US\$ 2,448 bilhões, semimanufaturados (US\$ 2,842 bilhões), manufaturados (US\$ 2,562 bilhões) e compostos químicos (US\$ 189 milhões).



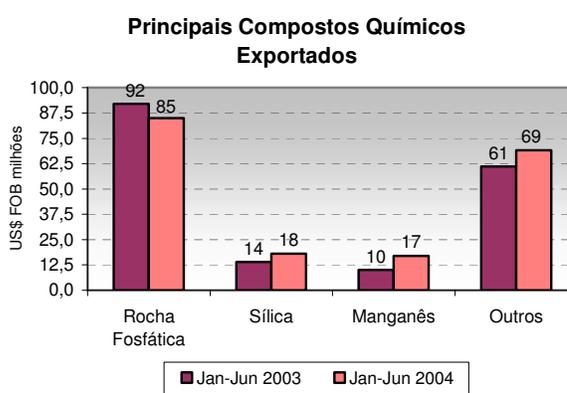
Fonte: SECEX/MDIC; DIDEM/DNPM



Fonte: SECEX/MDIC; DIDEM/DNPM



Fonte: SECEX/MDIC; DIDEM/DNPM



Fonte: SECEX/MDIC; DIDEM/DNPM

As vendas de bens primários, que respondem por 30,4% das exportações totais foram favorecidas pela elevação dos preços externos, destacando-se a participação dos embarques de minério de ferro com 25,8%. A propósito — dos quatro principais bens minerais que respondem por 96,6% do segmento de bens primários — apenas rochas ornamentais apresentaram redução na quantidade exportada (28,3%) e na receita (18,3%), resultado de um maior crescimento das exportações de rochas processadas, o que significa a implementação de uma nova filosofia política de Governo de agregação de valor às matérias-primas minerais exportadas.

A receita oriunda das exportações de minério de ferro foi ampliada em 27,7%, com a quantidade embarcada elevando-se apenas 4,1%. Enfatize-se que esse produto representa 84,9% do total da exportação de bens primários. As exportações destinaram-se, principalmente, para a China (23,4%), Alemanha (11,6%), Japão (10,7%), Itália (6,4%), Coreia do Sul (5,9%), França (5,3%) e Argentina (4,1%). Com efeito, o Brasil consolida-se entre os grandes *players* mundiais de minério de ferro.

Ademais, a evolução das exportações de semimanufaturados está vinculada, principalmente, ao crescimento de produtos oriundos dos minérios de ferro, bauxita, ouro, nióbio, níquel e manganês.

Setor Mineral Brasileiro – Principais Produtos Exportados

Discriminação	Jan/Jun - 2004		Jan/Jun - 2003	
	Quantidade (ton)	US\$-FOB milhões	Quantidade (ton)	US\$-FOB milhões
Bens Primários	---	2.448	---	1.926
Ferro	92.938.291	2.079	89.199.854	1.628
Caulim	987.196	107	778.811	86
Bauxita	3.262.397	83	1.822.916	50
Rochas Ornamentais	312.159	49	435.512	60
Outros	---	130	---	102
Semimanufaturados	---	2.842	---	2.266
Ferro	5.324.109	1.263	5.603.063	1.029
Alumínio	1.397.137	900	1.178.489	695
Ouro	16	210	13	149
Nióbio	17.780	148	17.637	148
Níquel	13.759	111	13.969	67
Manganês	73.768	50	73.183	33
Outros	---	160	---	145
Manufaturados	---	2.562	---	1.817
Ferro	2.989.504	1.413	2.410.560	968
Alumínio	104.934	218	90.561	160
Argilas	791.465	201	594.030	156
Rochas Ornamentais	311.785	160	215.405	116
Cobre	40.058	104	24.217	42
Outros	---	466	---	375
Compostos Químicos	---	189	---	177
Rocha Fosfática	240.571	85	204.685	92
Sílica	28.060	18	20.509	14
Manganês	11.511	17	10.476	10
Outros	---	69	---	61

Fontes: MDIC/SECEX; DNPM/DIDEM.

A propósito, esses produtos representaram 94,3% das exportações dos semimanufaturados e, nesse contexto, os semimanufaturados de ferro representam 44,4% desse segmento e expandiram-se 22,7%, em função da pressão da demanda e elevação de preços.

As exportações dos produtos manufaturados apresentaram incremento de 41,0%, elevando a participação a 31,8% no total da receita do Setor Mineral Brasileiro, com vendas de US\$ 2,562 bilhões. As vendas de compostos químicos totalizaram US\$ 189 milhões, elevando-se em 6,7%. Por outro lado, o preço da argila processada reduziu-se 3,3% e a de rocha processada (4,7%).

Conclusivamente, pode-se afirmar que, é nessa conjuntura de demanda e de preços internacionais favoráveis, que o desempenho do Setor Mineral foi fortemente influenciado, condição *sine qua non* à elevação das quantidades exportadas de *commodities* metálicas ferrosos e não-ferrosos (alumínio e cobre).

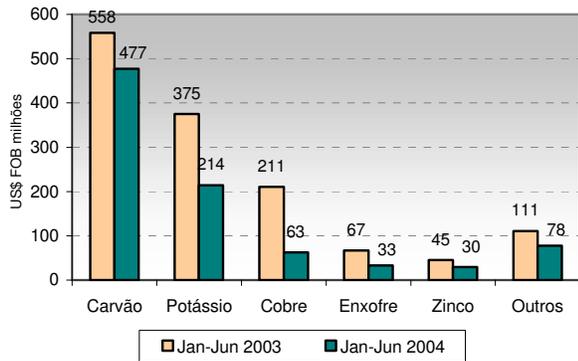
Decompondo-se as importações do Setor Mineral, identifica-se que os bens primários responderam por 39,6%, os manufaturados por 24,1%, os compostos químicos 21,2% e os semimanufaturados por 15,0% do total. Dentre os bens primários destacaram-se as importações de carvão, potássio e cobre, que representam 83,7% do total desse segmento. As importações de carvão apresentaram aumento de 16,9%, reflexo da elevação de 16,2% no preço, cujo fornecimento é Estados Unidos (29,3%), Austrália (22,8%), China (16,9%), Canadá (8,1%) e Japão (6,1%).

As compras de potássio experimentaram acréscimo de 75,2%, na medida em que a produção doméstica do setor agropecuário mantém a tendência de demanda crescente. As importações originaram-se, principalmente, do Canadá (25,1%), Alemanha (20,9%), Belarus (17,5%), Rússia (16,9%) e Israel (15,8%).

As importações de minério de cobre apresentaram notável expansão, resultado do aumento de preços e da demanda interna. As aquisições elevaram-se em 234,9%, cujo valor alcançou US\$ 211 milhões. Desse total, 88,7% são provenientes do Chile.

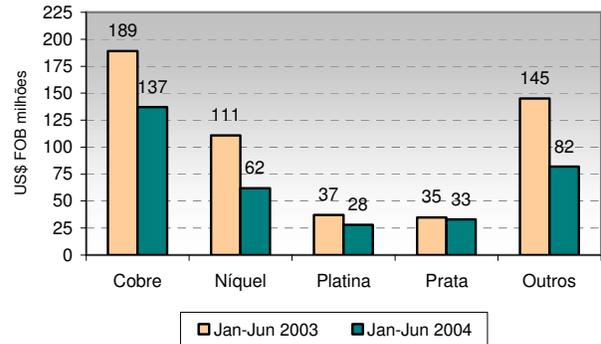
Os gastos com semimanufaturados e manufaturados totalizaram US\$ 1,348 bilhão, acréscimo de 25,7% em relação ao mesmo patamar de 2003. Quanto aos compostos químicos, foram demandados em mais 46,4%, devido ao aumento na procura de produtos fosfatados.

Principais Bens Primários Importados



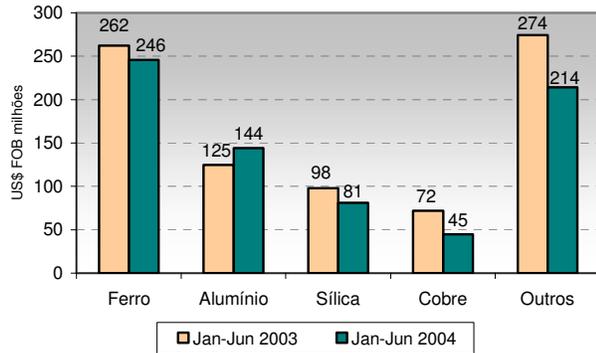
Fonte: SECEX/MDIC; DIDEM/DNPM

Principais Semimanufaturados Importados



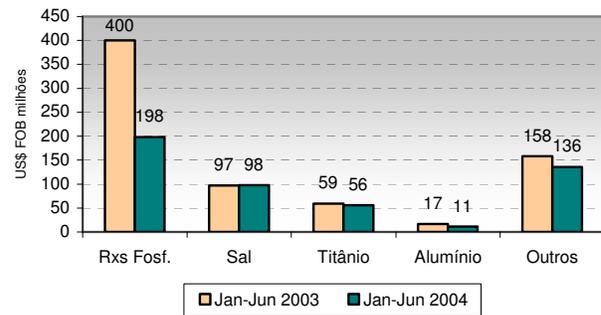
Fonte: SECEX/MDIC;

Principais Manufaturados Importados



Fonte: SECEX/MDIC; DIDEM/DNPM

Principais Compostos Químicos Importados



Fonte: SECEX/MDIC; DIDEM/DNPM

Setor Mineral Brasileiro – Principais Produtos Importados

Discriminação	Jan/Jun - 2004		Jan/Jun - 2003	
	Quantidade (ton)	US\$-FOB milhões	Quantidade (ton)	US\$-FOB milhões
Bens Primários	---	1.367	---	895
Carvão	9.055.403	558	9.004.997	477
Potássio	3.004.239	375	1.777.165	214
Cobre	267.788	211	147.054	63
Enxofre	1.015.419	67	734.808	33
Zinco	132.291	45	125.580	30
Outros	---	111	---	78
Semimanufaturados	---	517	---	342
Cobre	69.989	189	80.147	137
Níquel	7.873	111	7.618	62
Platina	3	37	9	28
Prata	173	35	235	33
Outros	---	145	---	82
Manufaturados	---	831	---	730
Ferro	259.180	262	548.864	246
Alumínio	38.456	125	42.500	144
Sílica	126.804	98	88.148	81
Cobre	19.578	72	16.353	45
Outros	---	274	---	214
Compostos Químicos	---	731	---	499
Rochas Fosfáticas	2.053.471	400	1.092.825	198
Sal	945.183	97	832.867	98
Titânio	34.983	59	33.504	56
Alumínio	19.749	17	13.242	11
Outros	---	158	---	136

Fontes: MDIC/SECEX; DNPM/DIDEM.

Encargos Específicos da Empresa de Mineração

Os titulares de direitos minerários — dependendo do regime de exploração e aproveitamento de recursos minerais — estão sujeitos ao pagamento da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerários – CFEM, Taxa Anual por Hectare e Emolumentos.

A CFEM é devida pelas empresas que exploram recursos minerais, com alíquotas variáveis de 0,2% a 3%, incidentes sobre o valor do faturamento líquido da venda do produto mineral obtido após a última etapa do processo de beneficiamento e antes de sua transformação industrial. É distribuída na seguinte proporção aos Municípios (65%) Estados (23%) e a União (12%).

Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerários (Alíquotas vigentes)

Produtos	Alíquotas
Bauxita, minério de manganês, sal-gema e potássio.	3,0%
Minério de ferro, fertilizantes, carvão mineral e demais substâncias minerais.	2,0%
Ouro	1,0%
Pedras preciosas, coradas lapidáveis, carbonadas e metais nobres.	0,2%

Nota: As substâncias minerais extraídas sob o regime de permissão de lavra garimpeira são isentas do pagamento da CFEM. Entretanto, o primeiro adquirente está obrigado a recolher a CFEM.

A Taxa Anual por Hectare é recolhida pelos titulares de Alvarás de Pesquisa Mineral à razão de R\$ 1,55/ha/ano, na vigência do prazo do alvará. Autorizada a renovação da pesquisa o valor da taxa aumentará para R\$ 2,34/ha/ano.

Exige-se, também, o pagamento de emolumentos para requerimentos de autorização de pesquisa (R\$ 420,28), de registro de licença (R\$ 84,71), de portaria de lavra garimpeira (R\$ 420,28) e de imissão de posse na jazida (R\$ 778,29).

As receitas desses encargos atingiram R\$ 25,9 milhões em junho, com declínio de 15,4% contra o mesmo mês de 2003. No acumulado dos seis primeiros meses do ano, a arrecadação atingiu R\$ 155,3 milhões, menor 4,3% em relação ao mesmo período de 2003. Em termos reais, utilizando o Índice Geral de Preços ao Consumidor (IPCA) como deflator, a arrecadação foi menor respectivamente 20,2% e 9,8%. A variação negativa da arrecadação é explicada pelo pagamento em atraso e liquidação de processos por parcelamento da CFEM, nos meses de março e junho de 2003.

Arrecadação dos Encargos Específicos da Empresa de Mineração

Em R\$ 1.000,00

Receitas	Jan-Jun/04	Jan-Jun/03
CFEM	141.375	152.301
Taxa	11.501	7.958
Emolumentos	2.453	2.076
Total	155.328	162.335

Fontes: DIADM; DIPAR.

A receita da CFEM apurada pela distribuição registrou em junho o maior resultado dos últimos seis meses, atingindo R\$ 25,4 milhões, valor correspondente a 91,0% da arrecadação total dos encargos especiais recolhidos pelas empresas de mineração. Contudo, nos seis primeiros meses deste ano o recolhimento alcançou R\$ 141,3 milhões, resultado real 12,4% inferior ao registrado no mesmo período do ano passado.

Entre as Unidades da Federação, dezessete apresentaram aumento na arrecadação da CFEM, enquanto dez apresentaram queda. Roraima teve o maior crescimento de arrecadação, porém com uma receita irrisória. O menor crescimento foi verificado no Estado de Alagoas, 42,8% inferior. Os principais Estados arrecadadores da CFEM, Minas Gerais e Pará, tiveram redução de respectivamente de 15,6% e 1,1%, frente aos seis primeiros meses do ano passado.

Com respeito à arrecadação de R\$ 11,5 milhões da Taxa Anual por Hectare acumulada ao longo do primeiro semestre de 2004, na comparação com o mesmo período do ano passado, observa-se crescimento real de 34,3%.

Esse aumento expressivo é explicado, principalmente, pelo maior número de alvará renovado no Estado do Pará e crescimento de autorização de pesquisa nos Estados de Tocantins e Bahia.

O *ranking* dos principais Estados arrecadadores de CFEM é: 1º Pará, 21,4%; 2º Minas Gerais, 14,8%; 3º Bahia, 14,2%; 4º Tocantins, 9,4% e 5º Goiás, 8,2%. Essas cinco unidades estaduais responderam por 68% da receita total da taxa anual por hectare no primeiro semestre de 2004.

O incremento de 18,1% na arrecadação dos emolumentos está associado à geração de receita do requerimento de Portaria de Lavra Garimpeira, criada em abril deste ano.

IV. Destaque

Brasil — A Economia Mineral Brilha!¹

A expectativa favorável sobre o desempenho da economia brasileira, no 1º semestre de 2004, confirmou-se com os anúncios dos indicadores oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC, em meado de agosto do ano corrente.

O IBGE aponta uma evolução do PIB – Produto Interno Bruto a preços de mercado da ordem de 4,2%, quando comparado ao período equivalente de 2003, resultado combinação dos índices calculados para os 1º e 2º trimestres de 2004, 2,7 % e 1,5%, respectivamente. Entretanto, ao se comparar os 2os trimestres equivalentes (2004-2003) o índice acende aos 5,7%. Neste contexto, adotando-se a mesma base de comparação, os setores da Agropecuária, da Indústria e de Serviços cresceram 5,7%, 4,7% e 2,8%, respectivamente.

Segundo, o IBGE, três subsetores da Indústria apresentaram taxas positivas na comparação semestral de 2004, sendo destaque o crescimento de Transformação (7,3%), seguido pela Construção Civil e Serviços Industriais de Utilidade Pública que apresentaram crescimento de 2,0%. Paradoxalmente, a Extrativa Mineral registrou uma variação negativa de 2,9%, contrapondo-se à situação de otimismo quanto à atração de investimento, conforme os indicadores do MDIC.

Ao se analisar o desempenho da atividade industrial no 2º trimestre, observa-se a maior taxa de crescimento para o subsetor de Transformação (8,5%), impulsionado pelos aumentos de produção nas categorias de bens duráveis (com destaque para veículos automotores) e de bens de capitais (destaque para máquinas e equipamentos). A Construção Civil, após cinco trimestres sucessivos de quedas, registrou acréscimo de 6,7%. Os Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP) também apresentaram variação positiva, embora em menor intensidade (2,7%). Atribui-se a taxa negativa subsetor da Indústria Extrativa Mineral (-1,9%) aos reflexos adversos da situação internacional do petróleo (sic).

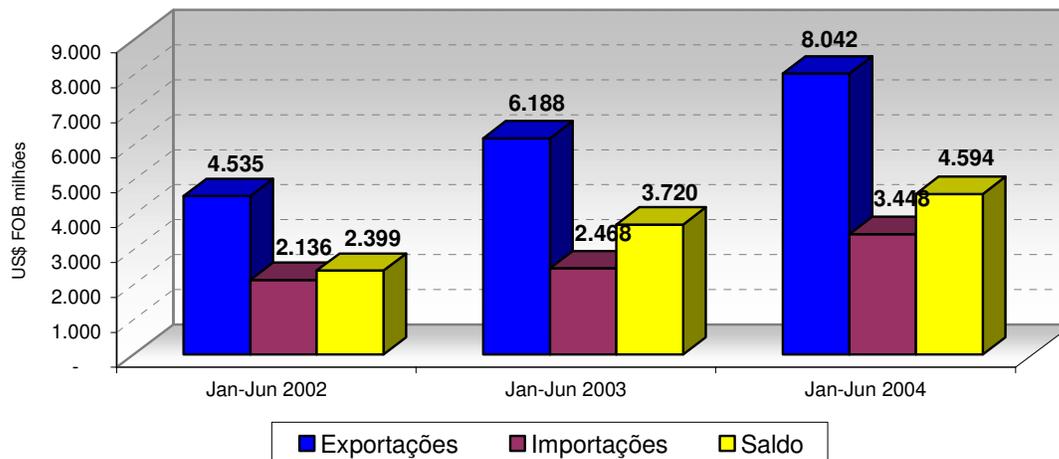
Por outro ângulo, os indicadores construídos pelo MDIC sinalizam que os investimentos anunciados por grupos nacionais e estrangeiros alcançam a cifra dos US\$ 47,2 bilhões, significando um crescimento da ordem de 30,1%, ao se comparar aos registrados no 1º semestre de 2003 (US\$ 36,3 bilhões), alimentando o clima de euforia na economia do Brasil.

Por sua vez, a DIDEM-DNPM, diferentemente do IBGE, sinaliza que nesta 1ª metade de 2004, os indicadores de desempenho da Economia Mineral Brasileira são brilhantes porquanto, ao se analisar o fluxo de transações correntes, observa-se uma evolução da ordem de 32,41%. Por outro ângulo, o saldo da balança comercial se mantém superavitária, cujo desempenho aponta um crescimento de 23,39%, em relação ao período equivalente de 2003.

¹ **Rodrigues**, Antonio Fernando da S., *MSc.* – Diretor de Desenvolvimento e Economia Mineral – **DIDEM/DNPM**

BALANÇA COMERCIAL MINERAL - BRASIL

exclusive Petróleo, Gás Natural e Derivados



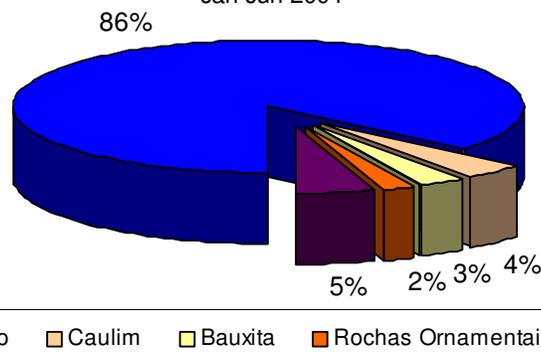
Fonte: MDIC; DIDEM/DNPM

É dentro deste contexto que a *Economia Mineral do País Brilha*, liderando com valores absolutos, na decisão de investir, onde a mineração participou com US\$ 14,7 bilhões, superando em 78 % os investimentos acumulados no período equivalente de 2003, que foram da ordem de US\$ 8,3 bilhões. A propósito da composição do *ranking* de investimento diretos seguem:

siderurgia (US\$ 5,8 bilhões), infraestrutura (US\$ 5,04 bilhões), telecomunicações (US\$ 4,93 bilhões), metalmeccânico (US\$ 3,65 bilhões), transportes (US\$ 3,33 bilhões), eletroeletrônico (US\$ 2,30 bilhões), químico e plástico (US\$ 1,99 bilhão), petroquímico (US\$ 1,85 bilhão), turismo, shopping e lazer (US\$ 999 milhões).

Exportações do Setor Mineral

Principais Produtos - Bens Primários
Jan-Jun 2004



Fonte: MDIC; DIDEM/DNPM

Admite-se que os fatores condicionantes à tomada de decisão sobre investir no Setor Mineral Brasileiro estão estreitamente relacionados à expansão da produção industrial e aos índices de utilização média da capacidade instalada do parque industrial — que se situaram em níveis recordes nas séries dessazonalizadas — associados aquecimento do mercado, às perspectivas favoráveis de preços das *commodities* minerais, do crescimento a médio e longo prazos da economia do País.

Analisando-se Fluxo de Transações de Comércio Exterior do Setor Mineral, a história se repete, pois a concentração é significativa — 19 produtos respondem por 70,5% dos US \$ 10,1 bilhões, liderados pelo minério de ferro (86%). Pelo ângulo das Importações, apenas 12 itens representam 68,5% dos US\$ 8,0 bilhões importados (Carvão 42%, seguido do Potássio, 27%).

Não obstante, a rigidez histórica de concentração da pauta de exportações por empresa e por produto não tem sido fator impeditivo às alterações significativas no destino *commodities* minerais para vendas externas do País. O maior destaque continua sendo a China, que neste 1º semestre de 2004, ocupa a posição de liderança no mercado externo, seguido pelos EUA.

Com efeito, é nessa perspectiva favorável de mercado que se admite que a Conta de *Mineralbusiness* deverá continuar superavitária para contribuir e assegurar o bom desempenho da Conta de Fluxo de Transações Correntes do Balanço de Pagamento do País.

Enfim, há prevalência de opinião de que os fatores que evidenciarão a capacidade do Brasil sustentar o seu desenvolvimento serão a expansão e a diversificação das vendas externas, não dissociados, entretanto, do crescimento das importações.

V. Indicadores de Preços

Com relação ao índice geral de preços por atacado (IGP-OG), o movimento médio de preços da indústria extrativa mineral, referente ao mês de junho registrou variação de 0,20%, inferior ao índice de maio em 3,01 pontos percentual. Considerando o resultado acumulado dos seis primeiros meses de 2004, os preços da mineração, minerais não-metálicos, ferro, aço e derivados e metais não ferrosos cresceram respectivamente 13,80%, 5,36%, 24,45% e 23,55%. O nível mais alto desses preços esteve relacionado à recuperação da demanda interna e a continuada elevação nos preços de *commodities* minerais e metalúrgicas.

Praticamente todos os principais metais registraram pico de preços ao longo do primeiro semestre de 2004. A cotação do estanho em maio subiu mais que 99% em relação ao mesmo mês de 2003, com a tonelada atingindo US\$ 9.435,79. Fenômeno semelhante se repete no alumínio, cobre, chumbo, níquel e zinco. Entre esses, de janeiro a junho deste ano, os aumentos de preços estiveram associados ao estanho, que subiu 41,6%; chumbo 14,7%; cobre 10,8%; e alumínio 4,4%. Ressalte-se a estabilidade de preço do zinco 0,4% e queda de 11,6% no preço do níquel.

Índice Geral de Preços por Atacado – Oferta Global Junho de 2004

Discriminação	Variação Percentual		
	Mês	Semestral	Anual
Indústria Extrativa Mineral	0,20	13,80	28,51
Minerais não-metálicos	0,58	5,36	5,12
Metais não-ferrosos	2,07	24,45	25,34
Ferro, Aço e Derivados	0,58	23,55	28,17

Fonte: Conjuntura Econômica.